



## A mulher na dialetologia brasileira: tinha Nascentes razão?

*Women in Brazilian Dialectology: was Nascentes right?*

Leandro Almeida dos Santos\*  
Universidade Estadual da Bahia  
Jacobina, Bahia, Brasil

Silvana Soares Costa Ribeiro\*\*  
Universidade Federal da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** Neste trabalho, de cunho histórico e documental, tem-se por meta evidenciar o importante papel desempenhado pelas mulheres na e para a Dialetologia brasileira. Para tal intento, ao tomar por base a preocupação de Antenor Nascentes, em 1958, na obra *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*, quando afirmou que [...] *para a tarefa de colheita de material as mulheres são menos adequadas do que os homens...* (NASCENTES, 1958, p. 7), procura-se trazer à tona os caminhos feitos pelos dialetólogos e dialetólogas, a fim de destacar a enorme contribuição feminina para o desenvolvimento da ciência dialetal. Para execução ou realização da pesquisa, alguns passos foram trilhados, tais como: a) determinação do escopo da pesquisa e adoção dos dois primeiros atlas linguísticos realizados no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963) e o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et. al., 1987); b) realização de uma leitura bastante criteriosa das introduções dos atlas selecionados; c) levantamento dos dados; d) elaboração de planilhas com a cronologia dos fatos encontrados; e) a construção de um painel expositivo, que demonstra a relevância do trabalho das mulheres para os avanços da Dialetologia e da Geografia Linguística brasileiras e f) fez-se ampla consulta aos registros fotográficos e fichas de pesquisa de campo, objetivando ilustrar os momentos vivenciados pelas equipes dos atlas, APFB e ALS. Com esse resgate, espera-se que se descortinem histórias de pesquisa *in loco* que, por vezes, não aparecem nas publicações, mas que são muito importantes para o desempenho do trabalho de pesquisadores e pesquisadoras da Geolinguística brasileira.

**Palavras-chave:** Geolinguística. Antenor Nascentes. Mulheres. APFB. ALS.

**Abstract:** In this work, of historical and documentary nature, the goal is to highlight the important role played by women in and for Brazilian Dialectology. For this purpose, based on the concern of Antenor Nascentes, in 1958, in the work *Bases para el elaboración do atlas linguístico do Brasil*, when he stated that [...] *for the task of collecting material women are less adequate than men...* (NASCENTES, 1958, p. 7), attempts are made to bring out the paths taken by dialectologists and dialectologists in order to highlight the enormous female contribution to the development of dialect science. In order to carry out or carry out the research, some steps have been followed, such as: a) determination of the scope of research and adoption of the first two linguistic atlases carried out in Brazil, the *Bahian False Atlas* (ROSSI, 1963) and the *Sergipe Linguistic Atlas* (FERREIRA et. al, 1987); b) a very careful reading of the introductions of the selected atlases; c) data collection; d) the elaboration of spreadsheets with the chronology of the facts found e) the construction of an exhibition panel, which demonstrates the relevance of women's work for the advances in Brazilian Dialectology and Linguistic Geography; and f) a wide consultation of photographic records and field research sheets, with the aim of illustrating the moments experienced by the atlas, APFB and ALS teams. With this rescue, it is hoped that stories of research *in loco* will

\* Mestre em Língua e Cultura pela UFBA, estudante de doutorado na UFBA e professor da UNEB. E-mail: santosleo1811@gmail.com.

\*\* Doutora em Linguística e professora da UFBA. E-mail: silvanaribeiro25@gmail.com.

be uncovered, which sometimes do not appear in publications, but which are very important for the performance of the work of researchers and researchers in Brazilian Geolinguistics.

**Keywords:** Geolinguistics. Antenor Nascentes. Women. APFB. ALS.

## 1 À GUIA DE INTRODUÇÃO

Neste artigo, tem-se por meta destacar o papel da mulher na Dialectologia brasileira. Para tal intento, leva-se em consideração a preocupação explicitada por Antenor Nascentes, em 1958, na obra *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*, a saber: [...] *para a tarefa de colheita de material as mulheres são menos adequadas do que os homens...* (NASCENTES, 1958, p. 7).

Desse modo, ao tomar como ponto de partida as considerações feitas pelo referido autor, consideram-se as características da sociedade brasileira nas décadas de 50 e 60 do século XX, que, à época, revelavam uma pouca ou quase nula presença de mulheres nas universidades, desempenhando funções de pesquisadoras ou linguistas. Sendo assim, a pesquisa *in loco*, para a figura feminina, mostrava-se algo extremamente difícil e, até certo ponto, desafiador.

A intenção deste estudo, portanto, é historicizar o trabalho que vem sendo desenvolvido por elas, além de construir um panorama que resgate e dê visibilidade às diversas funções que, desde aquele período, vêm sendo desempenhadas pelas mulheres nos estudos dialetológicos brasileiros no curso da história, sobretudo, por meio dos frutos do método geolinguístico. Vale ressaltar que este artigo é o primeiro de uma série que se pretende publicar, a fim de trazer à tona o relevante trabalho das mulheres na/pela Dialectologia do Brasil. Logo, aqui estão as primeiras notícias desse contar as histórias sobre fatos, fotos e caminhos trilhados, que, por vezes, se confundem com o próprio desenvolvimento da ciência. Neste artigo, concentram-se os esforços na descrição dos dois primeiros produtos cartográficos da Dialectologia e da Geolinguística brasileiras: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* (ROSSI, 1963) e o *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)* (FERREIRA *et. al.*, 1987), ao considerar o início da coleta de dados.

Para consecução do estudo ora proposto, algumas etapas foram realizadas, as quais vêm descritas a seguir. Num primeiro momento, realizou-se uma leitura bastante criteriosa das introduções dos atlas selecionados, com um intuito de identificar todas as mulheres envolvidas na elaboração das obras e (ii) evidenciar as diversas funções exercidas pelas mulheres no desenvolvimento dos estudos dialetais do Brasil, destacando, em cada obra consultada, o/a mentor/a, bem como a equipe de colaboradores: mulheres que desempenharam funções diversas para a elaboração dessas obras (inquiridoras, analistas de dados, elaboradoras de cartas e revisoras). Em um segundo momento, procedeu-se ao levantamento dos dados e à elaboração de planilhas com a cronologia dos fatos encontrados e dos papéis desempenhados. Por fim, construiu-se um painel, que demonstra a relevância do trabalho das mulheres para os avanços da Dialectologia e da Geografia Linguística brasileiras. Paralelamente, fez-se ampla consulta aos registros fotográficos e fichas de pesquisa de campo, objetivando ilustrar os momentos vivenciados

pelas equipes de pesquisadores dos dois atlas eleitos para a primeira publicação desta série de textos de cunho histórico e documental.

## 2 UM POUCO DE HISTÓRIA DA DIALETOLOGIA

Ao se considerarem as peculiaridades de uma língua, chega-se à ciência que trata dos dialetos, a Dialectologia. Os estudos dialetológicos são responsáveis por *identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica* (CARDOSO, 2010, p.15). Essa vertente da Linguística caracteriza-se por ser uma ciência multidisciplinar, pois, em seus pressupostos teóricos, há vários pontos de intersecção com outras áreas do saber, isto é, a Dialectologia é uma área do conhecimento que estabelece diálogos com outras áreas, sejam elas endógenas ou exógenas aos estudos linguísticos.

No cenário mundial, os estudos realizados por Wenker, na Alemanha, que consistiram na coleta de dados, por correspondência, e documentação dos usos do alemão falado em diferentes regiões do país, enfatizando as consoantes germânicas; e, também, a pesquisa realizada *in loco* por Edmond Edmont, documentador do *Atlas Linguistique de la France (ALF)*, de Jules Gilliéron, que teve sua publicação entre 1902 a 1910, podem ser considerados como marcos principais do alvorecer dos estudos dialetológicos.

No que tange ao Brasil, as primeiras considerações dialetológicas sobre a descrição do Português Brasileiro apontam como marco inicial as evidências de diferenciação dos aspectos lexicais e fônicos entre o português europeu e o português brasileiro, em 1826, na introdução da obra *Atlas ethnographique du globe*, de Adrien Balbi, feitas pelo Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros.

Diante do sucinto preâmbulo, torna-se imperativo distinguir as dimensões da Dialectologia. A vertente monodimensional, que caracteriza o início da visão dessa ciência, é marcada por ter o foco exclusivo na dimensão diatópica. Objetivando catalogar a fala de pessoas com relativo isolamento, buscavam-se informantes que tivessem o perfil *NORMs* (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.58-59), sendo este sem nenhuma mobilidade, idoso, rural, com nível de escolaridade baixo, homem. Também, procuravam-se identificar áreas dialetais e traçar isoglossas, a partir da presença e/ou ausência de um dado fenômeno linguístico. Sendo assim, para as pesquisas com o foco monodimensional, no perfil do informante mencionado, encontra-se a fala rural não ampliada e/ou influenciada pelos contatos linguísticos com a escola ou os meios de comunicação, por isso os resultados possuem um caráter monostrático, monogeracional e monofásico.

Muitos atlas linguísticos brasileiros foram elaborados com base em coleta de dados; havia controle de informantes, tais como sexo, faixa etária e escolaridade, mas não havia estratificação. O último critério, na maioria das vezes, envolvia pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade. Em suma, o foco dos estudos era voltado para a variação diatópica, e o falante entrevistado tinha o perfil *NORMs*. O perfil *NORMs* não é mais adotado na Dialectologia moderna.

Por sua vez, a vertente pluridimensional agrega, em sua gênese, além dos fatos linguísticos, os sociais, políticos, históricos e culturais. A Dialetoлогия atual preocupa-se com a distribuição de um dado fenômeno em uma área geográfica, isto é, centra-se na dimensão espacial, mas também controla sistematicamente aspectos ligados ao social, dos quais podem ser citados a faixa etária, o sexo, a escolaridade, dentre outros aspectos. Assim, vale mencionar que uma ciência deve aprimorar seus métodos, tornando-se mais eficaz, a fim de fornecer meios mais elucidativos para analisar os fenômenos. Nesse sentido, esse entendimento pode ser reconhecido nas palavras de Cardoso (2010), no que tange à nova roupagem da Dialetoлогия:

Do ponto de vista linguístico, o esquadrihamento da estrutura das línguas naturais levou ao conhecimento detalhado dos elementos que as constituem, das estruturas segundo as quais se organizam, das relações históricas que entre grupos se estabelecem, dos processos que marcam seu funcionamento. Do ponto de vista sócio-histórico e político, verifica-se que o mundo vem passando – como, aliás, sempre passou – por profundas e sucessivas transformações que lhe oferecem nova configuração e novo perfil (CARDOSO, 2010, p. 62).

As faces – monodimensional e pluridimensional – da Geolinguística não são excludentes e não devem ser observadas como sequenciais. Uma não substitui a outra. Destacam-se por terem ofertado relevantes contribuições para os estudos e caracterização dos dialetos, utilizando, em muitos trabalhos, um método de representação cartográfica, a Geolinguística. Tal método, por ser entendido como um *método científico de recolha sistemática de dialetismo* (COSERIU, 1965), é responsável por representar cartograficamente em mapas, cartas e atlas os fatos linguísticos, tais como: fônicos, lexicais, morfossintáticos dentre outros. A Geolinguística teve a sua expansão a partir do final do século XIX, e sua consolidação alude à publicação do *ALF* (1902-1910).

No contexto brasileiro, segundo afirma Cardoso (2010), o início da Geolinguística liga-se ao começo de estudos sistemáticos e à publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, de autoria do professor Nelson Rossi, com a colaboração de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, em 1963, bem como de outras mulheres. Nesse período, a Dialetoлогия brasileira, até então, era predominante masculina. Além de Nelson Rossi, outros dialetólogos figuram como expoentes para a expansão dessa ciência em solo brasileiro, tais como: Serafim da Silva Neto, Mário Marroquim, Antenor Nascentes, Amadeu Amaral e Celso Cunha.

No sentido de estabelecer um panorama acerca dos frutos advindos da implementação dos princípios geolinguísticos, sabe-se que alguns atlas regionais foram publicados, em virtude da realidade existente nas décadas passadas. Os dialetólogos brasileiros optam pelos atlas com uma abrangência menor, estaduais ou regionais, desenvolvendo uma *mentalidade dialetológica* (SILVA NETO, 1957) e preparando o caminho para o tão almejado atlas nacional.

Destacam-se, portanto, vários frutos de natureza geolinguística. No entanto, para os intentos deste artigo, serão evidenciados, como mencionado anteriormente, apenas dois deles, *APFB* (ROSSI, 1963) e *ALS* (FERREIRA *et al.* 1987). Nasce, então, na

Universidade Federal da Bahia – importante celeiro dialetológico –, duas das quatro primeiras manifestações concretas do método geolinguístico em solo brasileiro.

É importante destacar aqui o papel de Nelson Rossi, autor do *APFB* e coautor do *ALS*, que, na década de 60 do século XX, foi fundamental para a formação de mulheres-pesquisadoras na área da Dialectologia. Neste artigo, a atenção será voltada para a descrição e apresentação do fazer coletivo.

### 3 AS MÃOS QUE CONDUZEM A GEOLINGUÍSTICA BRASILEIRA

Para a análise empreendida neste estudo, algumas obras serviram de aporte teórico, tais como: *Bases para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (NASCENTES, 1958); *Guia para estudos dialetológicos* (SILVA NETO, 1957); *A Dialectologia no Brasil* (FERREIRA; CARDOSO, 1994); *Documentos 2* (MOTA; CARDOSO, 2006); *Geolinguística: tradição e modernidade* (CARDOSO, 2010); o artigo *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão* (ROMANO, 2013) e a obra *Tudo é Diverso no Universo* (PAIM, 2019).

A fim de contemplar a pesquisa de caráter histórico-documental, além dos dois atlas eleitos para observação, *APFB* (ROSSI, 1963) e *ALS* (FERREIRA *et al.* 1987), outros atlas foram consultados, ainda, no universo dos primeiros frutos geolinguísticos, a saber: *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG –* (RIBEIRO *et al.*, 1977); *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB –* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984); *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR –* (AGUILERA, 1994); e o *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS –* (KOCH *et al.* 2002), que serão alvos de análises futuras, conforme mencionado anteriormente, a fim de dar prosseguimento à série de publicações sobre a importância da mulher nos estudos dialetológicos brasileiros.

Assim, cabe mencionar, no contexto de periodização da Dialectologia, os períodos em que essas duas obras estão inseridas, bem como destacar os autores dessas propostas.

- A primeira fase vai de 1926 (com as considerações feitas pelo Visconde de Pedra Branca) a 1920 (com a publicação da obra *O dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral).
- A segunda fase inicia-se em 1920 (com a publicação da obra *O dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral) e estende-se até 1952 (com a publicação do decreto presidencial n.º 30.643 de 20 de março de 1952).

Essas duas primeiras fases periódicas foram definidas por um homem, Antenor Nascentes, o que, mais uma vez, demonstra que, inicialmente, no Brasil, a Dialectologia refletia os papéis desempenhados por homens à época. Não há referência a contribuições femininas nas duas fases, sobretudo porque as mulheres ainda não haviam conquistado espaços no trabalho acadêmico como se vê na atualidade. Vale mencionar que as definições dadas como fim da segunda fase e início da terceira fase foram estabelecidas por Ferreira e Cardoso, em 1994. Tais autoras, discípulas do professor Nelson Rossi,

consideraram as definições de Nascentes (1952, 1953) e estabeleceram uma nova fase para os estudos dialetais brasileiros, a terceira.

- A terceira fase inicia-se em 1952 (com a publicação do decreto presidencial *n.º 30.643 de 20 de março de 1952*) e estende-se até 1996 (com o *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Dialectologia no Brasil* e, conseqüentemente, a instituição do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.)

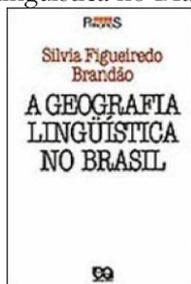
A partir da terceira fase, percebe-se um amplo desenvolvimento da Geolinguística em solo nacional, somado às mudanças graduais e progressivas nos papéis desenvolvidos por homens e mulheres na sociedade e, sobretudo, nas universidades. Essa fase é, deveras, fundamental para a expansão geolinguística e dialetológica, uma vez que inúmeros frutos podem ser mencionados como importantes obras, tais como as duas eleitas para esse artigo.

- A quarta fase tem início em 1996 (com o estabelecimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil) e se estende até 2014 (com a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*).
- A quinta fase tem início em 2014 (com a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*) e se estende até os dias atuais.

A mulher, antes coadjuvante, assume o protagonismo na cena nacional. A partir da terceira fase, as novas propostas de periodização são todas elaboradas por mulheres, a saber: o estabelecimento da quarta fase tem autoria das Professoras Doutoras Jacyra Andrade Mota e Suzana Alice Marcelino Cardoso (MOTA e CARDOSO, 2006) e o estabelecimento da quinta fase tem autoria da Professora Doutora Ana Regina Ferreira Teles (TELES, 2018).

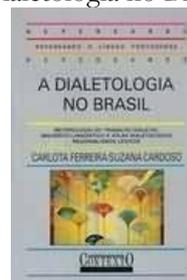
Vale mencionar que a intenção não é fazer considerações exaustivas a respeito dos dois atlas, *APFB* e *ALS*, pois, no que tange às características deles, essas informações podem ser encontradas, em grande parte, nas obras escritas ou organizadas por elas, o que denota a ascensão das mulheres dialetólogas, como se vislumbra nas Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

**Figura 1** – Capa do livro *A Geografia Lingüística no Brasil*



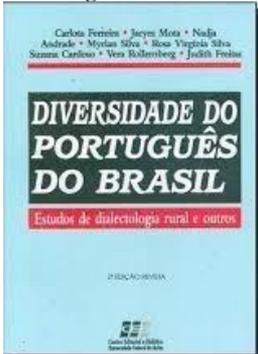
Fonte: Fotografia feita pelos autores.

**Figura 2** – Capa do livro *A Dialectologia no Brasil*



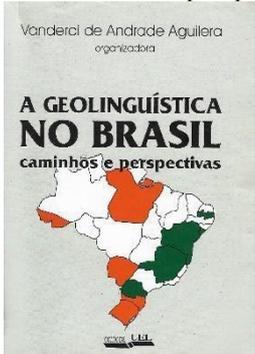
Fonte: Fotografia feita pelos autores.

**Figura 3** – Capa do livro *Diversidade do Português do Brasil*



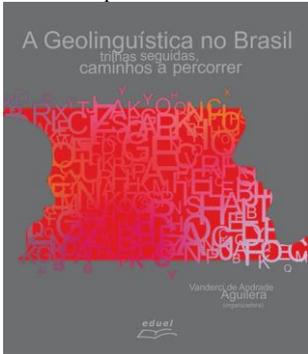
Fonte: Fotografia feita pelos autores.

**Figura 4** – Capa do livro *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*



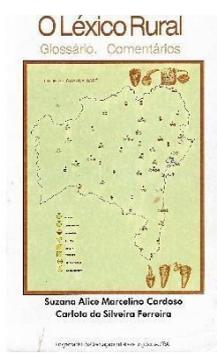
Fonte: Fotografia feita pelos autores.

**Figura 5** – Capa do livro *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*



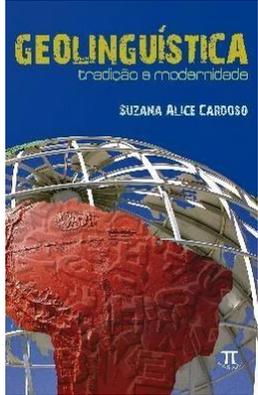
Fonte: Fotografia feita pelos autores.

**Figura 6** – Capa do livro *O Léxico Rural: glossário, comentários*



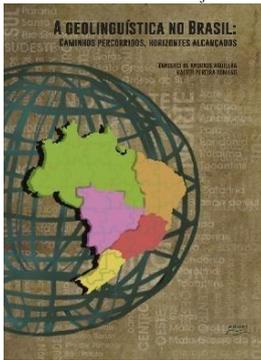
Fonte: Fotografia feita pelos autores.

**Figura 7** – Capa do livro *Geolinguística: tradição e modernidade*



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

**Figura 8** – Capa do livro *A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*



Fonte: Fotografia feita pelos autores.

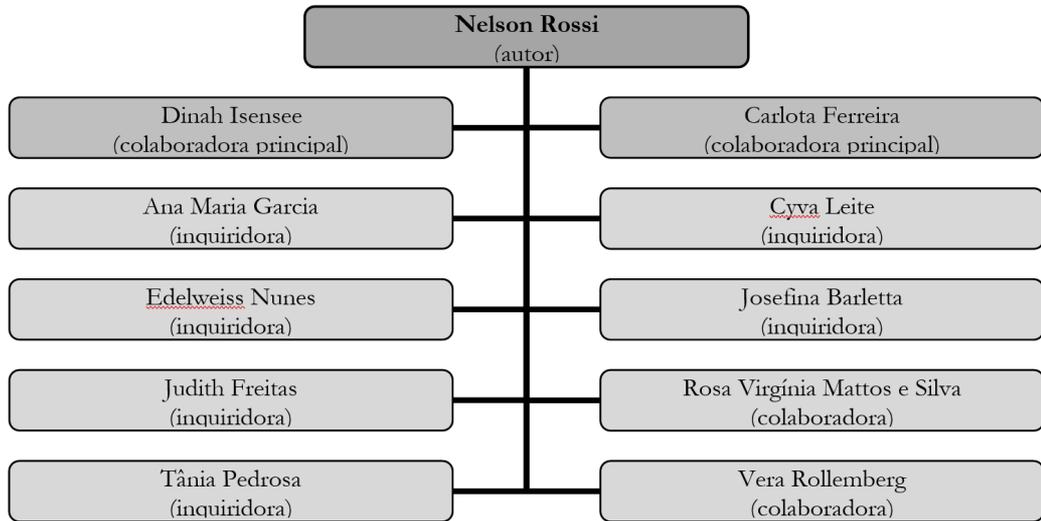
Feitas as considerações históricas elementares para o entendimento e importância da pesquisa ora proposta, passa-se, então, às duas obras oriundas da terceira fase, a saber: o *APFB* (ROSSI, 1963) e o *ALS* (FERREIRA *et al.* 1987).

### 3.1 ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS

Inicialmente, trabalho capitaneado por um homem, professor, de visão ampla e responsável, que soube ser mestre, ao preparar uma legião de mulheres que, de certa forma, ao seguir as trilhas do mentor, levariam a Dialectologia a caminhos vindouros, tendo a missão de tornar o sonho utópico, o atlas nacional, em realidade.

Como mencionado na seção anterior, no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* (ROSSI, 1963) foi o primeiro atlas inspirado nos métodos da Geolinguística. A partir desse marco, inúmeros atlas regionais foram publicados. O *APFB* tornou-se, então, um importante instrumento de pesquisa, uma vez que, no Brasil, não existia um trabalho geolinguístico desse porte para nortear os pesquisadores e pesquisadoras. Tal atlas originou-se a partir dos esforços feitos por muitas mãos, sob a liderança do professor Nelson Rossi. Sendo assim, a figura 7 ilustra a estrutura organizacional dos pesquisadores que compuseram a elaboração de tão importante marco, o mestre dialetólogo e as discípulas.

**Figura 7** – Equipe responsável pelo *APFB*.



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Conforme demonstrado na figura 7, o professor Nelson Rossi, à época, professor da Universidade Federal da Bahia, foi quem liderou o grupo formado por dez mulheres: Dinah Isensee e Carlota Ferreira, colaboradoras principais; e seis professoras recém-licenciadas do curso de Letras, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA, a saber: Ana Maria Garcia, Cyva Leite, Edelweiss Nunes, Josefina Barletta,

Judith Freitas e Tânia Pedrosa, além de Rosa Virgínia Matos e Silva e Vera Rollemberg, as últimas, atuaram como colaboradoras, na preparação das cartas. Vale mencionar que, na década de 60 do século passado, ainda, no Brasil, não havia instrumentos tecnológicos modernos para auxiliar a pesquisa *in loco*. Logo, toda a equipe passava por um treinamento bem rigoroso e eficiente, a fim de que as transcrições fossem feitas no mesmo momento da entrevista, ou seja, de forma simultânea, por duas delas, no mínimo. O que renderam as famosas “tripinhas do APFB”. Tal atlas possui uma rede de pontos com 50 localidades baianas e é caracterizado como monodimensional, pois apresenta aspectos diatópicos.

Um pouco de história, a partir de agora, será contada por meio de fotografias, entendendo que o texto imagético, por vezes, remonta às memórias afetivas e às boas lembranças. Reserva-se ao direito de expô-las apenas com as legendas, para que a apreciação seja um pouco mais livre. Com isso, tenta-se, com esse pequeno acervo fotográfico, demonstrar alguns dos muitos momentos vividos por pesquisadores e pesquisadoras que deram o pontapé inicial da arte dialetológica, no que tange à ida a campo, posteriormente ao tratamento dos dados e, por fim, à disposição deles em cartas linguísticas, configurando, desse modo, o produto final, o atlas, que, de fato, é um empreendimento erguido por diversas mãos. Analogamente, cabe trazer os versos de Dorival Caymmi, *Todo mundo gosta de acarajé/ O trabalho que dá pra fazer é que é...*

**Figura 8** – Viajando para pesquisa de campo: Carlota Ferreira, Tânia Pedrosa e o piloto



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 9** – Viajando para pesquisa de campo: Carlota Ferreira e Tânia Pedrosa



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 10** – Viajando para pesquisa de campo: Carlota Ferreira e Tânia Pedrosa



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 11** – Nelson Rossi e estudantes em trabalho de campo pré-APFB



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 12** – Nelson Rossi e informante



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 13** – Carlota Ferreira e informante



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 14** – Dinah Isensee e informante



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 15** – Estudantes em trabalho de campo pré-APFB



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 16** – Equipe do APFB em pesquisa de campo



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 17** – Nelson Rossi no lançamento em Salvador



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 18** – Pesquisadora e informante



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 19** – Carlota Ferreira



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 20** – Lançamento do APFB em Brasília: Da esquerda para direita – Antenor Nascentes, o Reitor Miguel Calmon, Luís Vianna Filho e demais autoridades



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 21** – Carlota Ferreira, Olívia Barradas e Nelson Rossi



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 22** – Suzana Cardoso, Vera Rollemberg, Jacyra Mota e expectadora



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

**Figura 23** – Equipe do APFB



Fonte: Arquivo fotográfico APFB.

Mediante os vislumbres e viagens que os textos imagéticos permitem, cabe destacar, além do pioneirismo, a coragem com que este precursor e estas precursoras possuíram para, bravamente, instaurar o que, em um tempo vindouro, iria seduzir e encantar milhares de estudantes, professores e pesquisadores pelo país. Cabe trazer à tona, em um pequeno trecho, prefácio do *APFB*, por meio do texto de Agostinho da Silva, o sentimento e a simbologia dessa pedra fundamental para a Geolinguística brasileira:

Vale o homem pela distância a que joga seus objetivos. **Diria da mesma forma que o que mais vale nesse Atlas é o alvo final a que tão decididamente aponta, o do Atlas Lingüístico de todo o Brasil** (grifo nosso), que ninguém poderá iniciar melhor do que esta equipe, primeiro com uma série de Atlas prévios que varre o Brasil de Leste a Oeste, e que depois, numa boa operação de jeito militar, se lance a partir dessa linha de apoio para todo o território que se abre para o Prata e o Amazonas; [...] mas gostaria de lhes acrescentar outro: o de que a Bahia, vendo-o pronto, saiba reencontrar em si as forças necessárias para se realizar o que fizeram em sonho Edgar Santos e seus companheiros: uma das capitais de espírito da grande fraternidade que amanhã envolverá num abraço único os povos do Atlântico-Sul, do Pacífico e do Índico. (CARDOSO, 2010, p. 147-153)

Nasce, assim, em solo baiano, o *APFB*, publicado um ano antes da instalação do regime de ditadura militar no Brasil, um período de repressão e censura, principalmente por conta das publicações dos Atos Institucionais (AI's). Por analogia, o pioneiro atlas linguístico feito no Brasil pode ser, facilmente, comparado a *uma flor que nasce na rua! [...]* *Furon o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio* (ANDRADE, [1945] 2005). Também, nesse contexto, surge uma espécie de escola de formação e/ou um centro gerador de dialetólogos e dialetólogos brasileiros, a partir do exemplo deixado por uma brilhante equipe.

### 3.2 ATLAS LINGUÍSTICO DE SERGIPE

Tal equipe, desta feita, imbuída e liderada por uma mulher, Carlota Ferreira, intentando dar continuidade aos passos iniciais dados com o primeiro atlas, caminha para outro estado, Sergipe. À época, como o primeiro atlas teve 50 pontos de inquéritos, a

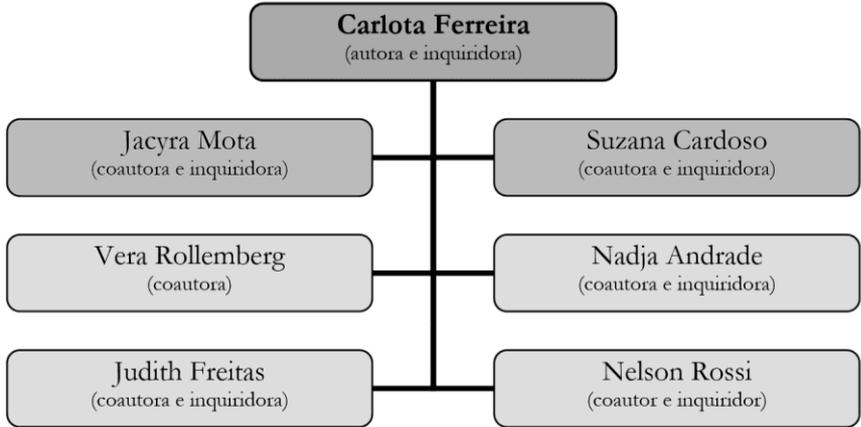
numeração do atlas de Sergipe vai de 51 a 65, o que, mais uma vez, infere-se ser o pensamento de uma extensão da pesquisa feita dentro dos limites dialetais do Falar Baiano. Seguindo as trilhas delas, passa-se, agora, a conhecer um pouco mais sobre o *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* (FERREIRA *et al.* 1987).

O *ALS* torna-se, desta feita, uma referência para os estudos dialetais brasileiros, não somente por exemplificar o quanto os investimentos públicos para as ciências humanas se fazem necessários, mas também por controlar, de forma sistemática, informantes de ambos os sexos, sendo a informante feminina identificada pela letra “A” e o informante masculino pela letra “B”, que, posteriormente, tiveram suas respostas cartografadas, de modo a facilitar a leitura das cartas. Portanto, é caracterizado como um atlas bidimensional, pois apresenta aspectos diatópicos e diassexuais representados nos cartogramas. Além disso, outros aspectos inovadores são:

- a) Aplicação de inquéritos preliminares, gravados em todas as 15 localidades que constituíram a rede de pontos. Esses inquéritos foram realizados com a participação de estudantes que concluíram os seus cursos de graduação em 1963 e 1964, com acompanhamento dos professores.
- b) Maior amplitude do questionário definitivo em relação ao aplicado na Bahia: com cerca de 700 perguntas, nele incluídas as que compõem o extrato de questionário da Bahia, acrescidas de outras que os inquéritos preliminares em Sergipe sugeriram.
- c) Formulação por escrito, no próprio questionário, da maneira de perguntar-se sobre o item, com o objetivo de garantir maior homogeneidade nos inquéritos, eliminando-se, assim, possíveis dificuldades no momento da exegese... (CARDOSO, 2010, p. 154).

Esse atlas, também, fruto de esforços feitos por muitas mãos, já demonstra uma sensível mudança sobre o cenário dialetal brasileiro. Se o *APFB*, o pioneiro, foi liderado por um homem, agora, sob a liderança de Carlota Ferreira, a condução feminina, majoritariamente, dará o tom nas produções geolinguísticas brasileiras. Sendo assim, a Figura 8 ilustra a equipe do *ALS*, seis mulheres (Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg, Nadja Andrade e Judith Freitas) e um homem (Nelson Rossi).

**Figura 8** – Equipe responsável pelo *ALS*.



Elaborado pelos autores (2020).

O *ALS*, teoricamente, foi o segundo atlas que seguiu os métodos da Geolinguística. Iniciado em 1963, no entanto, mesmo com os originais prontos para publicação, à época, por falta de recursos financeiros, a obra só foi publicada e disponibilizada ao público em 1987. Ou seja, 14 anos depois, o que permite a alusão com o tempo em que Jacó, personagem bíblico, trabalhou para casar-se com Raquel. Os anos de espera serviram, para Jacó, como um tempo de estímulo, esmero e determinação, objetivando alcançar a tão sonhada esposa. Com isso, ainda, na perspectiva alusionista, cabe ilustrar os 14 anos de espera por publicação com o belíssimo Soneto *Sete annos de pastor Jacob servia*, de Luis Vaz de Camões (1843),

Sete annos de pastor Jacob servia  
Labão, pae de Raquel, serrana bella:  
Mas não servia ao pae, servia a ella,  
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de hum só dia  
Passava, contentando-se com vella:  
Porém o pae, usando de cautella,  
Em lugar de Raquel lhe deo a Lia.

Vendo o triste Pastor que com enganos  
Assi lhe era negada a sua Pastora,  
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,  
Dizendo: Mais servira, senão fôra  
Para tão longo amor tão curta a vida.

Cotejando com contexto da Dialectologia brasileira, portanto, durante esse período, os 14 anos, outros atlas foram publicados, tais como: *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* – EALMG – (RIBEIRO *et al.*, 1977); e o *Atlas Lingüístico da Paraíba* – ALPB – (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984). Deste modo, o que nos permite inferir que, durante a espera pela publicação do *ALS*, houve plantação e colheita fartas para dialetólogos e dialetólogas brasileiros.

Evoca-se, sempre, a história, uma vez que ela é a fiel testemunha, é quem pode contar fatos de um tempo remoto. Novamente, reserva-se ao direito de expor as fotografias apenas com as legendas, assim permitindo uma viagem que remonta ao início dos trabalhos dialetais e geolinguísticos no Brasil. É importante mencionar que, à época, os recursos para fotografar os momentos vivenciados eram máquina com filme de poses, para posterior revelação, com o máximo de cuidado, para não queimar o filme, assim, perdendo as fotografias. Também, a orientação recebida pela equipe era para fotografar, em sua maioria, os elementos etnográficos da localidade.

**Figura 24** – Estudante e informante



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 25** – Jacyra Mota e informante.



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 26** – Carlota Ferreira em entrevista com informante homem



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 27** – Maria Vitória Oliveira, pesquisadora e informantes



.Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 28** – Jacyra Mota e família de informante



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 29** – Equipe de inquiridoras: Judith Freitas, estudantes e informantes



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 30** – Nelson Rossi, Nádia Andrade, Suzana Cardoso, Jacyra Mota e a família de um informante



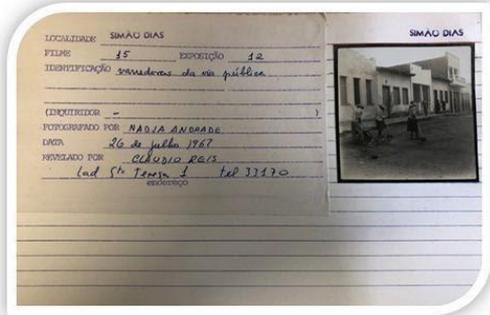
Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 31** – Jacyra Mota e informantes



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 32** – Nádía Andrade (anotação)



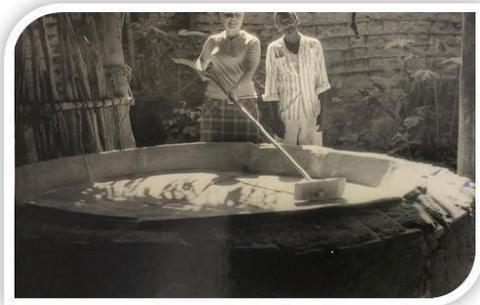
Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 33** – Varredeiras de rua em Simão Dias



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 34** – Casa de farinha: Carlota Ferreira e informante



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

**Figura 35** – Sela de cavalo



Fonte: Arquivo fotográfico ALS.

Novamente, o texto imagético, de fato, cumpre um papel importante, ao resgatar memórias, além de teletransportar os que se permitirem para o contexto em que essa equipe vivenciou a árdua tarefa dialetológica. Desse modo, feito pelas mãos de uma equipe corajosa, em uma época de ditadura militar, surge mais um fruto geolinguístico, que cataloga e, de certo modo, eterniza formas linguísticas de um determinado espaço social, neste caso, das 15 localidades de Sergipe. Os versos de Chico Buarque podem figurar,

aqui, como uma canção que embalou as universidades brasileiras, intelectuais e artistas nessa época: *Apesar de você/ Amanhã há de ser/ Outro dia/ Inda pago pra ver/ O jardim florescer/ Qual você não queria.*

#### 4 PALAVRAS FINAIS

À guisa de conclusões, apontam-se as contribuições da pesquisa documental realizada para a Dialetoologia brasileira. Os resultados deste trabalho revelaram os caminhos trilhados por um grupo de pesquisadoras mulheres que, ao longo das décadas contempladas com publicação de atlas linguísticos no Brasil, vêm se envolvendo fortemente na pesquisa dialetal. Sim, elas deixaram belíssimos rastros! Nesse sentido, vale destacar, também, o papel fundamental dos homens, sobretudo, do professor Nelson Rossi, que, de forma sábia, soube plantar sementes da Dialetoologia em terrenos férteis, desse modo, ofertando, além do exemplo a ser seguido, também, analogamente, *régua e compasso.*

O marco inicial da Geolinguística brasileira, o *APFB* (ROSSI, 1963), evidencia a mulher atuando como colaboradora (Dinah Isensee e Carlota Ferreira), além de forte presença como inquiridoras, analistas de dados e elaboradoras de cartas linguísticas. Tais mulheres vivenciaram o espírito de equipe semeado por Nelson Rossi, um professor que reconheceu a capacidade das mulheres de atuação na pesquisa e produção científicas, e assumiram o protagonismo na cena nacional, o que se comprova, quando observados os frutos deixados na ciência brasileira. Como já mencionado, esses frutos serão evidenciados em outros artigos e publicações desta série.

Ao se debruçar sobre as décadas 80 e 90 do século XX, fotografa-se a presença da mulher brasileira como autora de atlas linguísticos, além de manutenção dos demais papéis já desempenhados, quando da elaboração do *APFB*. Por exemplo, no *ALPB* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), no *ALS* (FERREIRA *et al.*, 1987) e no *ALPR* (AGUILERA, 1994), obras que revelam esse momento de transição: as mulheres deixam de ser colaboradoras e passam a ser autoras.

Ainda no final do século XX e entrada neste novo milênio, a pesquisa em equipe, desta feita, idealizada e capitaneada por uma mulher, Suzana Cardoso, torna-se realidade por meio do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. O Projeto ALiB tem ampla participação de linguistas brasileiros atuantes em todas as fases da pesquisa dialetal, envolve um número considerável de pesquisadores (mulheres e homens) e permite evidenciar as diferentes posições ocupadas pelas mulheres no desenvolvimento dos estudos dialetais brasileiros. As mulheres no Projeto ALiB farão parte da série de publicações futuras.

Por fim, ressalta-se a relevância de textos e pesquisas documentais, que resgatem histórias, memórias e personagens, uma vez que, no que tange à Dialetoologia, o trabalho envolve pessoas, histórias, momentos vivenciados e lembranças que, por vezes, não cabem nos relatórios de viagem, nem nas pesquisas publicadas. Esses momentos, da preparação da pesquisa à publicação das obras de arte, os atlas, envolvem muito labor, persistência e força, além de mãos corajosas, sobretudo, mãos de mulheres que, atualmente, conduzem e dão o tom à ciência dos dialetos no Brasil.

Assim, surgiram os Nelsons, mas também, em grande número, sobretudo, surgiram *as Rosas e as Dinabs, as Nadjas, as Carlotas e as Veras* (CARDOSO, 2010, p. 152), paralelamente, também, as Judiths, as Suzanas, as Jacyras...

Para finalizar, dedicamos o artigo às nossas mestras!!! Nomear todas? Para quê? Atemporais, sempre! Algumas foram só mestras de Silvana Ribeiro e outras mestras de Leandro Almeida e Silvana Ribeiro. Vale, simplesmente, dizer: “todas nos deram régua e compasso”. Nós fomos e somos frutos das sementes dialetológicas de Rossi.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998.

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: EDUEL, 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo [1945]. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

ARAGÃO, Maria do Socorro. S. de; BEZERRA DE MENEZES, Cleuza. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BALBI, Adrien. *Atlas ethnographique du globe, ou classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues... et suivi du tableau phisique, moral et politique des cinq parties du monde...* Paris: Chez Rey et. Gravier, 1826.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2019.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Senado Federal, Subsecretaria de Informações, Brasília, 20 mar. 1952.

CAMÕES, Luís Vaz de. Soneto Sete annos de pastor Jacob servia. *Obras completas de Luís Vaz de Camões*, 1843, v. II. Disponível em: <[https://pt.wikisource.org/wiki/Sete annos de pastor Jacob servia](https://pt.wikisource.org/wiki/Sete_annos_de_pastor_Jacob_servia)>. Acesso em: 5 jun. 2020.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: EDUFBA, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v.1. (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

CAYMMI, Dorival. *A preta do Acarajé*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/dorival-caymmi/1117681/>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

CHAMBERS, Jack K; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSERIU, Eugênio. La geografía lingüística. *Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano*, Montevideo, n. 11, 1965.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Myrian; ANDRADE, Nadja; SILVA, Rosa Virgínia; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera. *Diversidade do Português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. revista. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra Andrade; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; ROLLEMBERG, Vera.; ROSSI, Nelson. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987. Salvador: EDUFBA, 2005.

GIL, Gilberto. *Aquele abraço*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/aquele-abraco.html>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

HOLLANDA, Chico Buarque de. *Apesar de você*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/7582/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (Orgs.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana A. M. (Orgs.) *Documentos 2: Projeto Atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

MOTA, Jacyra. Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; RIBEIRO, Silvana Soares Costa; PAIM, Marcela Moura Torres; TELES, Ana Regina Ferreira; SANTOS, Denise Gomes Dias; PRUDÊNCIO, Sandra Cerqueira Pereira; FERREIRA, Carlota da S.; ROLLEMBERG, Vera Lúcia. *Evento comemorativo dos 50 anos de publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos*. 2013.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS – Bulletin International de Documentat ion Linguistique*, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Tudo é diverso no Universo*. Salvador: Quarteto, 2019. p. 44-53.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto L.; PASSINI, José; GAIO, Antonio Pereira. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*. Londrina, v. 13, n. 2, jul.- dez., p. 203-242, 2013.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SANTOS, Leandro Almeida dos; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *A mulher e a Dialetolegia: tinha Nascentes razão?* - Pôster. I Fórum Internacional em Sociolinguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.